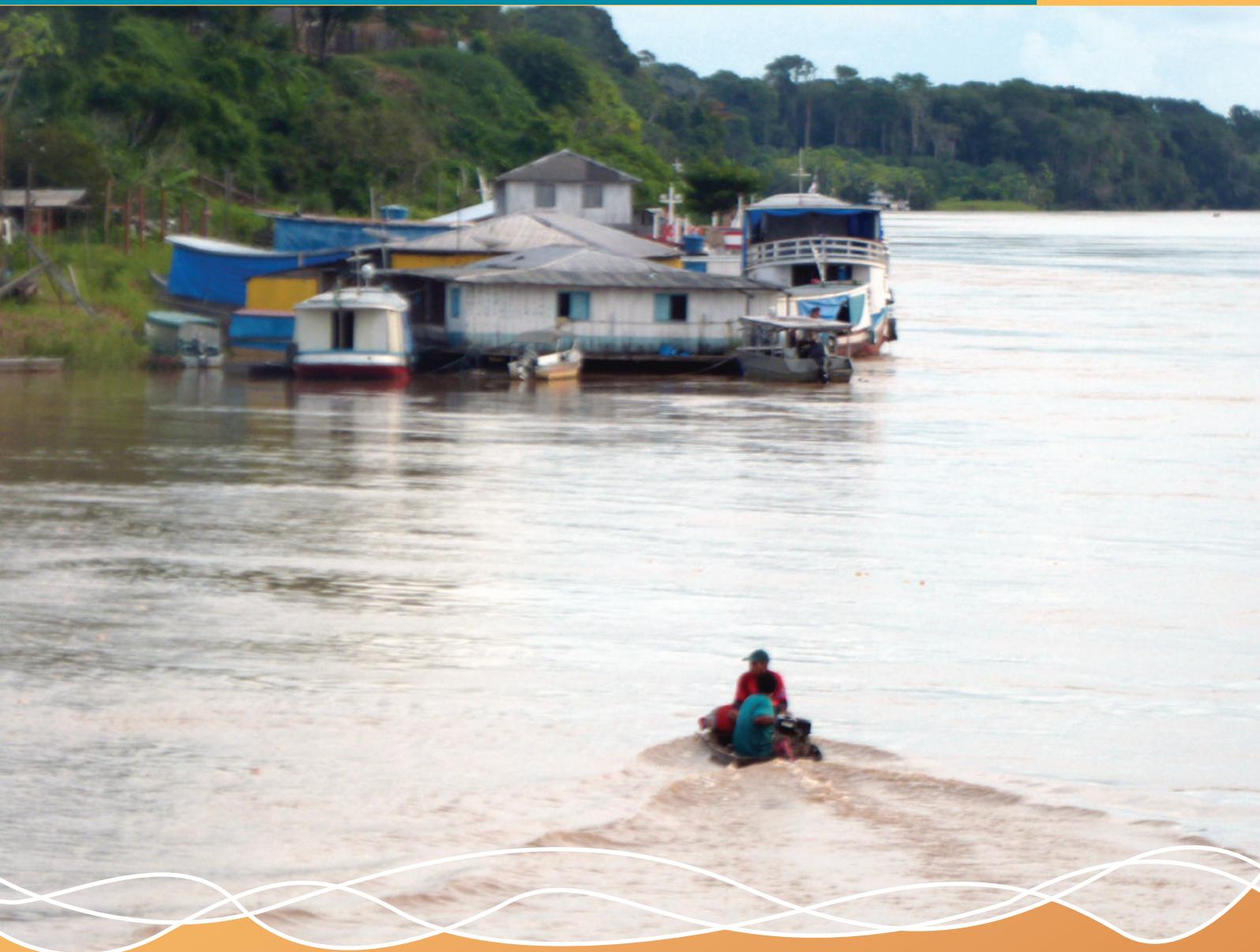


ENTRE A ALDEIA E A CIDADE:

O Povo Mura
na Construção
do Movimento
Indígena em
Manicoré-AM

7



boletim
informativo



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



Participantes da oficina de Mapas realizada na cidade de Manicoré entre os dias 19, 20 e 21 de fevereiro de 2015.

Helton Mura, Marcelo Mura, Santino Mura, Raimundo Mura, Valdelicia Mura, Maria Dasdores Mura, Domingos Mura, Charliane Mura, Walmer Mura, Karina Mura, Abel Mura, Silviane Mura, Farina Mura, Adriano Mura, Jairo Mura, Marcio Mura, Maria Aldileia Mura, Zinete Mura, Vanderli Mura, Antonio Barreto Mura, Ronaldo Mura, Antonio Mura, Clesivan Mura, Maria José Mura, Vitória Mura, Priciane Mura, Risomar Mura.

CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências

Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Cynthia de Carvalho Martins
Rosa Acevedo Marin

ENTRE A ALDEIA E A CIDADE: O Povo Mura na Construção do Movimento Indígena em Manicoré-AM

Organização dos Povos Indígenas Torá Tenharin Apurinã Munduruku Mura Parintintin e Pirahã-OPITAMP

Encontro dos Mura na Cidade (Manicoré-AM),

Coordenação da equipe

Jordeanes do Nascimento Araújo

EQUIPE DE PESQUISA

Jordeanes do Nascimento Araújo (PNCSA/UFAM-IEAA)
Suellen Andrade Barroso (Polis/UFAM)
Marlon Figueiredo (UFAM-IEAA)
Maria de Fátima dos Santos Mendonça (UFAM-IEAA)
Annanda de Azevedo (UFAM-IEAA)

Ficha Catalográfica

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências / Entre a aldeia e a cidade: o povo Mura na construção do movimento indígena em Manicoré - AM - N. 7 (Abr. 2017) -. - Manaus: UEA Edições, 2017.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA). Coordenação deste Boletim: Jordeanes do Nascimento Araújo.

ISSN: 2525-9598

1. Cartografia. 2. Comunidades tradicionais. 3. Indígenas - Manicoré-AM. I. Título.

CDU: 528.9.912

Edição

Jordeanes do Nascimento Araújo (PNCSA- UFAM/IEAA)
Maria de Fátima dos Santos Mendonça (UFAM-IEAA)
Suellen Andrade Barroso (Polis/UFAM)

Cartografia

Carolina Bertolini

Fotografias

Jordeanes do Nascimento Araújo
Maria de Fátima dos Santos Mendonça

Equipe de levantamento de GPS

Helton Mura, Raimundo Mura, Marcelo Mura

Projeto Gráfico: Philipe Teixeira

1. História do Povo Mura pelos Mura

Há 300 anos atrás o nosso povo foi totalmente exterminado, olha pra ti ver umas das características que identificam o povo mura que ainda vem do passado é a produção da farinha, ser grandes pescadores, isso daí eu já li em documento, só que eles foram exterminados, não tem registro de ter sua língua própria porque os Mura eram daqueles que se revoltavam com qualquer tipo de opressão, eram do tipo que mais eram revoltados na questão da opressão, tinha as outras etnias que conseguiam dominar, e tu sabes que no período da colonização do tempo dos europeus que tavam aqui na nossa região, ele fez com quê ele pudesse fazer rebelião, e tu sabes quando há uma rebelião contra aquela opressão, o objetivo maior daqueles que são opressores é tentar exterminar esse povo, e foi isso que aconteceu, houve uma extermiação muito grande, mais ou menos 300 anos atrás que levou muito da nossa cultura, e hoje nós não falamos nossa língua, hoje já nós temos que resgatar que esses movimentos indígenas tem que ta resgatando agora, por que nós perdemos muita coisa, e hoje nós somos fruto, e hoje nós não consegue, nós aprendemos o que nós desaprendemos com este contato com os brancos.

Marcelo Mura-Professor Indígena



Na época eles não tinham casa moravam num coberto com palha de canoé, buscavam aquelas palhas pretas, faziam tocaiazinhas e moravam lá nelas, no lugar deles, e hoje ainda a gente acha muita coisa, é porque meu genro não veio pra cá ele é professor lá, inclusive ele guarda até uns negócios de umas cabeças lá que a gente acha naquela terra, que a gente acha dos nossos princípios, é cabeça de gato é cabeça de sapo tudo a gente acha lá desenhado, assim que faziam em barro, e a gente acha até hoje os registros, meu cunhado achou lá isso e lavou e disse que ia mostrar quando tivesse uma reunião, mas ele não veio nessa aqui, eu até tentei ligar pra lá mas só dá fora de área. Ta com ele. ta guardado lá.

Santino Mura.

Conheço um pouco da história da região, olha o movimento mura ele foi identificado a partir de um contato através de um padre, assim até então não existiam indícios de organização eles não se reconheciam por que assim eles viviam isolados em alguma comunidades, Capanã Grande, no Maturá, e no Jauri então esses grupos eles não tinham força digamos assim, ah vamos se organizar e na área de Jauri apareceu um padre, padre José e chegou lá e viu aquela forma, organização e as características tirou foto e fez um grande relatório e levou para Brasília, esses homens tem grandes conhecimentos. Aí a FUNAI mandou fazer uma pesquisa na área, chegou ai e se deparou, tinha também o CIMI é o conselho indigenista missionário atuavam em auxiliadora já trabalhavam com o Pirahã e o CIMI também foi um dos organismos que ajudou muito nessa formação reunir, fortalecer, aí a FUNAI veio, chegou aqui identificou, isso em 1996, quando foi em 1999 na verdade é que já veio pesquisadores, que vieram para identificar o povo reconhecer e aí o movimento a partir daqui a FUNAI reconheceu e houve muitos conflitos, muitos indígenas foram preso por que tinha grandes posseiros de terra, castanhais, seringais. Ameaçados de morte. Então assim, foi uma luta muito intensa, sofredora com isso fez com que no Maturá na época mais de onze famílias que já eram reconhecida pela FUNAI na época que passou as pessoas da FUNAI, depois disso os posseiros ainda ficaram, eles convenceram onze famílias a desistir e dizer que não eram mais indígenas e quando veio a indenização somente aqueles que estavam no papel como indígena receberam, aí essas onze famílias tiveram que sair da terra sem direito a nada, essas foi uma das maiores tragédias do Maturá. Então o movimento mura ele partiu desses contatos e veio se fortalecendo até o momento de que realmente nós temos cinco terras mura demarcada e homologada, que são elas Apinacuba, Ariramba, Jauri, Capanã e Rio Manicoré.

Barreto Mura-Professor Indígena

As Relações na Cidade

A cidade ela traz muitos perigos, principalmente pela perda da cultura em si, imagina você pegar a tecnologia, porque ela veio com essa parte do capitalismo, vamos dar um exemplo, lá na nossa comunidade chegou a energia elétrica aí você é bombardeado daquelas informações, e aí deixa nossa cultura de lado e aí vamos vivenciar uma cultura que é gerada mais ou menos ao consumo de material e aí todo o tempo vai se perdendo. Hoje as famílias são difíceis de sentarem, conversarem, contar a sua história, contar a sua vivência, porque tá impregnado tanto na parte de comercialização, quando não tá assistindo televisão tá fazendo compra, ou tá com outro interesse, isso é uma parte diferenciada. Por outra parte como nós estamos vivenciando o capitalismo, querendo ou não nós estamos em um mundo capitalista, a gente não pediu para nascer num período capitalista, então essa parte de vivenciar então houve alguns malefícios, mas também houve os benefícios no caso que agora é necessário a gente se qualificar pra poder buscar os direitos, para a gente não ficar se oprimindo todo o tempo, tem as faculdades, tem outros tipos de fonte que a gente pode buscar realmente a nossa melhoria e também trazer com que esse mundo globalizado seja também a favor para fazer um resgate histórico da cidade, por que se nós não tivéssemos possibilidade de estudar, nós ficar perdido cada vez mais e agora a gente consegue analisar os documentos, nos consegue ver realmente como a nossa essência que é isso que é importante para cada um e que foi se perdendo ao longo do tempo.

Marcelo Mura-Professor Indígena



2. Trajetória de Vida: Preconceito e Superação



A minha trajetória de vida ela tá marcada. Desde pequeno nós vivemos assim, eu sou de família bastante humilde, humilde assim que nós não disponibilizávamos de recursos financeiros, mas a gente tinha uma certa facilidade de viver um pouco com a Natureza, então a nossa trajetória ela tá relacionada a questão de formação te ter aquele processo, por exemplo, eu sou fruto de uma família de professores, de irmãos professores, então a trajetória de vida foi aqui pelos bairros da cidade, tendo todo tipo de brincadeira, dentro da cidade, mas com isso também não deixei meu trabalho da agricultura, eu posso dizer que não é só eu mais existe aqui uma família, que gerencia muito pela cooperatividade, por exemplo um ajudava o outro, se um irmão estava precisando de um trabalho a gente ia lá e fazia o trabalho com ele, eu trabalhei muito em roça em coleta de castanha, coleta de tucumã de açaí, é tudo para mim sobreviver aqui dentro da cidade, por exemplo, eu fazia lá os meus trabalhos, mas também eu vendia aqui, e eu conciliava também esse trabalho a rotina de estudo, aí então eu trabalhava e estudava aí chegou a certo ponto que eu pensei que não conseguiria estudar, que um dos meus objetivos era estudar numa das melhores escolas, até porque você sabe que a deficiência do nosso sistema educativo é muito precária, então eu acredito que é um fruto maior da pessoa querer mesmo aprender e não só esperar, então foi isso o pouco que eu sei é por isso que eu não esperei por esse processo, então com o tempo com 12 anos, eu comecei a reger classe da minha irmã que era multiseriado, ela passou ter acesso a essa experiência e a partir de então eu tive minha formação acadêmica que faz pouco tempo. Mas há quinze anos eu trabalho no interior eu passei desse ramo da cidade, e eu tive que me adaptar ao período do interior mesmo, aquele interior que num tem a cidade próxima daquele que so tem a energia duas horas por dia, as vezes final de



semana não há. A água não é como aqui na cidade que a água ta quase praticamente dentro de casa e lá a gente tem que ter uma disponibilidade maior, então a trajetória foi de muita luta de sofrimento né, querendo melhorar como pessoa como também tentando ajudar a parte do nosso coletivo.

HELTON MURA- Vereador Indígena

Quando você se falava indígena, as pessoas tinham medo, tratavam como uns animais, É COMO TALVEZ TÁ A STUAÇÃO EM HUMAITÁ, lá eles não querem saber se é Tenharim se é Parintintin se é Mura, pensam “é Índio to correndo ou quero matar”.

Acredito que esse preconceito vai muito além da pessoa se sentir fragilizada. Se alguém for de fazer algum tipo de comentário, e se a gente diz que tem alguma faculdade, praticamente é tipo um bloqueio, sabe que a gente tem conhecimento de como se defender, pois se alguém vem ofender por alguma coisa desse tipo, ele já sabe, olha o Marcelo é conhecido por conta do trabalho, se eu me identificar como indígena ele não vai tentar fazer algum tipo de preconceito, por que eu sempre digo o dia em que eu me sentir constrangido, ou alguma coisa desse tipo eu vou procurar os meus direitos, e sabem que quando se tem formação é difícil de alguém mexer assim contigo, agora aquelas pessoas que eles acharem frágil eles burlam de alguma maneira, porque ele vai ser passivo todo tempo, sabe que tem direito mais não sabe onde buscar, a educação é uma ferramenta de libertação, de a gente buscar esses direitos, porque uma pessoa bem formada, eu sempre defendo a bandeira da

educação por que a educação ela cria pessoas para refletir na realidade para ver o que que é distanciar né, ser autônomo na sua decisão, ser firme. Então a educação é uma das ferramentas que vai abrir esse dialogo, de conversa e extrair o melhor, para ver se eu melhoro e junto comigo as pessoas que tão dependendo de mim”.

Sim, preconceito de dizerem que tu não é índio, como que tu é índio hoje, como tu quer ser índio forçado, isso e uma serie de coisas assim aqui em Manicoré, isso que a gente houve, que os índios não querem trabalhar, diz que a gente não vale nada, que roubam, é uma questão que ate mesmo na escola, teve até uma discussão que eu fiquei revoltado, que a gente ouve até mesmo do professor e dos alunos, de dizer que o índio, ele não tem credito, e ele vive para roubar, e eu respondi para eles eu acho que o índio não, mas é vergonhoso ver que quando você liga a televisão o que se passa nessa mídia, é dos nossos próprios governantes, que são bem pagos, com os nosso próprio dinheiro. E eles mete a mão no nosso dinheiro”.

Lá na aldeia eu planto mandioca, planto macaxeira, macaxeira é o trabalho lá, eu tiro castanha, eu já tenho pouca vista, então só tiro castanha do que fica perto, o que fica longe já é os meus filhos que tiram castanha, mas o plantio lá é o de Macaxeira, que tem até uma festa que é a Festa da Macaxeira na segunda semana de dezembro, nos mostra nossa agricultura, agricultura que eu e meus filhos, nos criemos na época, porque os primeiros que plantaram foi nós, deu muito dinheiro e ai nós fizemos uma festa e desde la tá com uns dez anos que fizemos essa festa e ela permanece até hoje, é uma festa muito divertida. É uma festa muito bonita, continua até hoje, ela passou pro município é uma festa cultural dentro da comunidade Nazaré da margem direita do rio Madeira, aqui na cidade não trabalho, so trato negocio de documentação, só venho gastar, não veio buscar nada não”.

Santino Mura

3. Educação Indígena na Cidade

Tenho 40 anos, sou da etnia Mura.

Eu morava na comunidade e minha primeira participação no movimento indígena foi como conselheiro de saúde, depois nos tínhamos uma turma de cinco alunos na comunidade onde eu morava, e esses cinco alunos estavam três anos sem escola, que até então a FUNAI tinha desapropriado. E ai ficou prédio escolar lá fechado, abandonado. E essas cinco crianças lá não tinha atendimento sem professor, e eu vim na época aqui na secretaria, questionei isso, e eu já vinha a seis meses reunindo

as crianças e ensinando elas voluntariamente, então eu vim na secretaria contei essa história. A partir de 2003 você vai ser contratado pra cuidar dessas crianças, e em 2003 eu fui contratado e já tinha uma turma de 9 crianças, eu trabalhei como professor 2003,2004,2005 eu trabalhei três anos como professor em sala de aula mesmo e em 2006 eu vim pra Manicoré por que eu fui eleito pra ser secretário da organização indígena. .

Então eu to aqui desde 2009 como coordenador e tenho buscado organizar, hoje você ver aqui oh, cada escola tem um arquivo, antes chegava aqui era cheia de caixa, para você emitir uma transferência de um aluno ou qualquer tipo de documento era preciso você buscar ser adivinhador, então todo esse trabalho de documentação hoje nós temos. Então essa é um dos pontos favorecidos do núcleo. Nós temos um grupão organizado. E eu penso que o movimento pra ele se fortalecer é muito complexo eu penso que é um desafio, porque as comunidades também elas buscaram a pensar nelas, cada comunidade ela tem a sua identidade, hoje partidária, e dentro de cada comunidade a grande maioria também ela é rachada, aí como é que o prefeito vai se sentir bem para colocar la uma escola, para colocar la luz elétrica, para colocar la saúde, por que assim no inicio, ele tentou afastar a comunidade do prefeito, ou seja ele falava mal e dizia que a comunidade não queria nem saber do governo, e ai nós eu e o Emerson Parente também Mura, professor Ivaneide e outros parceiros, a gente se uniu para quebrar isso, e o que a gente fez? Trazer as lideranças para eles poderem dizer olha nós queremos escolas, nós queremos isso e com isso o governo foi na verdade acreditando que era possível fazer alguma coisa, hoje nós temos três escolas na transamazônica, novas, que ainda vai ser inaugurada, nos temos aqui Bom tempo, Tracuá, Terra preto, são mais três Escolas construídas nesse mandato, nós temos propostas aí de mais escolas, ensino médio, então assim a gente ver que tem buscado fazer alguma coisa,

Eu acho que a escola é o principal instrumento para se trabalhar tanto nós indígenas como os brancos, para poder a gente olhar igual, olhar igual não é que eu tenha que comer o mesmo alimento que a você, mas o mesmo valor que o seu alimento tem o meu tem que ter, embora sendo diferente. A gente consegue tudo através da educação né, ele tem que formar, tem que acompanhar o movimento, ele na verdade se socializar, ele tem que competir com o mundo envolvente, porque se ele parar e esperar se acomodar daquela cota que muitas vezes alguém pode pensar por ele, pode ser que ele não chegue aonde quer, muitas vezes eles se acomodam, ele tem que buscar, ele tem que pesquisar, ele tem que lutar.

Barreto MURA, coordenação indígena de educação de Manicoré

Eu acho que a escola é o principal instrumento para se trabalhar tanto nós indígenas como os brancos, para poder a gente olhar igual, olhar igual não é que eu tenha que comer o mesmo alimento que você, mas o mesmo valor que o seu alimento tem o meu tem que ter, embora sendo diferente, é dessa maneira que eu penso a inclusão social, é como individuo e não como grupo, a instituição tem que está preparada para me aceitar, ela tem que colocar o profissional qualificado para me atender, se ele não tiver uma antropologia ele não vai poder me atender, ele vai me atender mal, então tem que ser pessoas realmente sensíveis para lhe dar com essas diferenças essas Universidades de diferenças que nós temos hoje na nossa sociedade. Eu sei que não é fácil, mas não é por que não é fácil, que eu não tenho que tentar, que eu tenho que fazer o mais fácil, que tenho que criar cota, se tem que criar cota eu acho que cota é pra coitado. Eu sou contra a cota, por que ela possibilita alguém alcançar aquilo que não está preparado, isso aumenta o preconceito, e o individuo sofre constrangimento porque se me coloca la dentro de um núcleo que não estou preparado como é que vou me dar com aqueles que passaram na prova para chegar lá? Então eu não to dizendo que não é favorável, mas foi a maneira mais fácil, e se é fácil ela acaba sobrando para alguém, então eu penso que tenho que lutar, tenho que estudar.

Barreto MURA, coordenação indígena de educação de Manicoré.

4. Os Conflitos no Território

Lá no bairro presidente lula é uma briga porque a infraéreo diz que o terreno é dela, mas já tem muita família lá dentro, Famílias indígenas,”



As lideranças aqui, elas estão muito separadas, ta muito dividida, por isso que o movimento indígena de Manicoré se encontra no que esta porque quando eles passaram de lideranças que tinham mais conhecimento eles passaram o conhecimento

deles tudo para a política partidária eles se envolveram e começou a briga entre si. Ai se você tem uma parte de pessoas na aldeia você vai falar do outro para que ele não consiga um projeto ou até mesmo se aproximar dos próprios parentes, e aqui é muito ruim, hoje aqui tem o vereador, elegemos por dois pleitos, mas infelizmente, hoje eu vejo que deixou muito a desejar, a algum trabalho social para o movimento indígena, aí temos outro no núcleo que é indígena nosso amigo o Antonio Barreto, mas infelizmente não foi colocado pelos índios foi colocado pelo prefeito e outra pessoa também que deixa a muito a desejar, em relação ao trabalho porque primeiramente para você ser colocado numa secretaria principalmente de educação você tem que tá preparado e quando a pessoa não é preparada logico que os trabalhos não vem ser bom”

Abel Mura

|| A minha briga que não é com o professor, não é com os parentes, a minha briga é com as instituições, eu penso que o que ta sendo trazido para Manicoré hoje é mais um problema, porque quando você cria alguma coisa, você tem que sustentar, você põe um filho no mundo eu tenho que da educação, da saúde, da vestimenta, da tudo que ele precisa, moradia, então, por exemplo nos temos 3 instituições de âmbito maior no município que precisa na verdade fazer funcionar, nós já temos esses três grandes desafios primeiro a FUNAI nos temos uma FUNAI conquistada aqui, você faz uma visita na FUNAI, vai ver lá um prédio, com um funcionário para tá lá para passar o dia, pergunta qual é o projeto que a FUNAI tem aqui para as comunidades indígenas, na época da cheia a FUNAI aqui não se moveu uma palha para nada, a defesa civil veio para fazer o acompanhamento em todo o município, cadê a FUNAI? E a defesa não entrou na área indígena diretamente porque existe uma instituição federal para cuidar disso, que era pra ta junto, e aí depois a FUNAI veio dizer: “não eles não nos procuraram”. Como se é eu que to aqui se é eu o interessado em tá lá e ai gente como é que nos vamos entrar nisso? Então a FUNAI tá lá num prédio abandonado, não tem políticas publicas para ela e eu não vejo, eu não vou citar nomes de instituição, mas eu não vejo instituição nenhuma reunir os índios, nós vamos fazer um levantamento, saber dos indígenas como é que tá a FUNAI em Manicoré, não vejo.

Aí vem outra, Saúde Indígena. Taí tem um DSEI em Manicoré mas os índios pagam passagem doente para chegar aqui em Manicoré, os índios paciente tem que comprar comida para comer, o índio aqui não tem um carro para levar o paciente da CASAI onde eles ficam que não tem nem moradia, é um local inadequado, mas não tem um carro para levar o índio no hospital ou no posto para fazer um exame, aí eu não vejo nenhuma instituição chamar atenção dizer “oh vamos pra rua gente” a Outra é a própria educação que eu to nela, agora sim veio mais voltado para educação, para saber como é que tá, como estão vocês, como você ta atuando, então assim o que eu disse para o professor é que assim “Professor o que a gente precisa é que as instituições, elas venham provocar isso, soltar um foguete ai acorda Prefeito, Acorda Funai, acorda SESAI, os índios estão pedindo socorro” nós estamos aqui com eles, vamos fazer primeiro fazer acontecer isso, ai o que nos faz, nos cria outro filho, porque isso que tão trazendo pra cá é mais um problema, tá la em Manaus o PROSAMIM, o governo criou o PROSAMIM colocou as famílias lá, mas as famílias não tem acesso a escola, criaram lá nos confins do mundo que pra um aluno pegar um ônibus para ir pra escola, ele pega quatro ônibus e sofre constrangimento, e bota a vida dele em risco, então ele ta lá pedindo socorro, por uma escola, quer dizer, criou um problema, não foi uma solução, eu penso que criar um movimento para Manicoré aonde é que vai ficar os nossos aldeados, se o atendimento hoje não ta tendo nem pros aldeados que são as prioridades nossa, vão pensar alguma coisa pros urbanos, eu sempre digo pros que vem aqui, olha gente o meu filho ele tá 200 metros longe de uma escola, o meu filho ele ta a 500 metros de um hospital, ta 300 metros longe de um posto de saude, eu não tenho como chegar la dentro da tua comunidade e dizer gente vocês tem que escolher é isso aqui oh, é esse candidato, é esse partido, não! Eu tenho que chegar lá fomentar a ele refletir, escolhe teu melhor, faz a tua escolha, tu tem que lutar, porque eu não tenho direito de chegar lá e dizer que isso aqui é melhor, porque é você que ta vivendo aqui, “oh tu fica calado, tu não reclama”. Porque lá o camarada pega quatro horas de voadeira para chegar aqui, ele tá la e não tem uma voadeira, ele tem um rabetinha no porto, uma cobra se morde o filho dele, como é que ele vai chegar na cidade, aí eu chegar lá e dizer pro cara fica calado, você tem que aceitar isso aqui. É isso que eu como indígena não concordo com isso, os vereadores não trazem para discutir quem é o menos favorecido que tá la que não tem atendimento de saúde, então eles tão buscando ver aqueles que ta mais fácil de atender, eu sei que os urbanos tem um direito muito grande, direito livre para se organizar, aí que eu brigo com a Instituição, ela tem que trazer alguma coisa para oferecer, ela tem que trazer e perguntar do movimento o que tem que ser feito, onde é que mais precisa ser atendido no movimento, mas o que ta sendo direcionado ali é mais para índios urbanos, e o que precisa ser perguntado para esses índios urbanos é o motivo o porque eu vim da aldeia para cá. Por que ele veio da aldeia?? Muitas vezes foi uma briga étnica ou acabou a roça dele e não tem mais como plantar e procura um meio de vida, ele tem a explicação dele,

tem a razão dele porque ta aqui, ele não veio por aqui por acaso não. Mas é preciso também sensibilizar a comunidade que a partir do momento que ele veio para cá e quer voltar para lá ele tem o mesmo direito é aí que gera conflito, as vezes depois de três anos, aí ele quer voltar lá para tirar castanha, ele quer ir lá para plantar um bananal, e aí os caras dizem “Epa tu já foi daqui mano, tu não tem mais direito não” Então é essa educação que precisa ser pregada nas escolas também, direitos iguais, so que ele tem o motivo dele, só que ele, que ta indo para la ele tem que saber, tem que reunir o povo tem que explicar, tem que ter essa formação de ele pedir o favor dos parceiros porque ele saiu de la muitas vezes teve algum motivo, então assim são essas discussões que as universidades tem que tá fazendo, em termos mais gerais.

Barreto Mura

5. A Rede de Relações dentro da cidade



A minha relação com os outros indígenas da cidade é a melhor possível, sou um tipo de pessoa que eu busco sempre na questão da cumplicidade da ajuda, qualquer pessoa, qualquer indígena, ou seja, por exemplo se tiver precisando de ajuda pra sacar um dinheiro, ou para levar em um hospital coisa que eu sei que não é da minha competência, mas eu sei que eu tenho responsabilidade que eu sou um cidadão, sou da igreja. As vezes eu me utilizo ate da igreja porque você sabe muitas vezes elas ajudam na questão da organização do espaço, então muitas vezes essa parte da relação com eles eu tento melhor ajudar eles. Porque de vez em quando eu também posso precisar deles, eu vejo nessa visão de eu ta falando, eu posso ate ta falando e de um ficar chateado ou outro, mas eu acredito que a minha convivência com eles é uma das melhores possíveis, por que se você sabe que em toda sociedade a aqueles conflitos, tu tem um inimigo e eu sou teu amigo, aí aquele cara é teu inimigo mas não é meu inimigo, tem que tratar as pessoas igual a todas, então minha relação é bastante boa, tento ajudar da melhor forma possível que for possível também não posso fazer das tripa coração, por que as minhas possibilidades elas são limitadas”. A relação social aqui é boa, porque graças a deus não tem atrito, a gente conversa, troca ideia, aqui só tem a questão do preconceito do que se diz não indígena, porque indígena a gente num tem esse problema”.

Valmer Mura

Olha no meu conhecimento assim é muito ruim, é péssimo. A questão da política em relação aos índios do movimento indígena ele é muito ruim, primeiramente porque o nosso governante ele não tem a visão voltada para população indígena. Há um preconceito muito grande aqui é muito forte em Manicoré contra o movimento, contra os indígenas da zona urbana, e também da zona rural, porque na verdade, não foi nós que chegemos até a cidade foi a cidade que chegou até nós. Porque aqui era aldeia, aqui em Manicoré era adonde os índios viviam, então eu vejo assim a questão da deficiência é muito grande em relação a educação, saude, saneamento básico, é péssimo é muito ruim em relação a isso ai, tem muito pouco e a gente merece muito mais.

Rizomar Mura

A situação social dos outros indígenas é muito ruim, é muito pouco quem trabalha aqui, do que eu conheço aqui que não são professores vem so na questão da sesai. Se eu não me engano tem uns três indígenas com emprego na sesai, mas o resto vive assim de bico, por que não tem, é autônomo ne, porque não tem outro de emprego, uma porque aqui não tem empresa, não tem desenvolvimento não tem nada. Aí o jeito é partir pro que você sabe, né. Muitos pescam, outros vivem aqui de Horta, é isso

Rizomar Mura

6. Melhoria na Cidade: Mapeamento social como reivindicação

Se o nosso movimento voltasse a se fortalecer, voltasse a ter lideranças que tenham conhecimento à altura das autoridades e fazer com que a lei funcionasse só assim eu vejo que poderia chegar a momentos bons”.

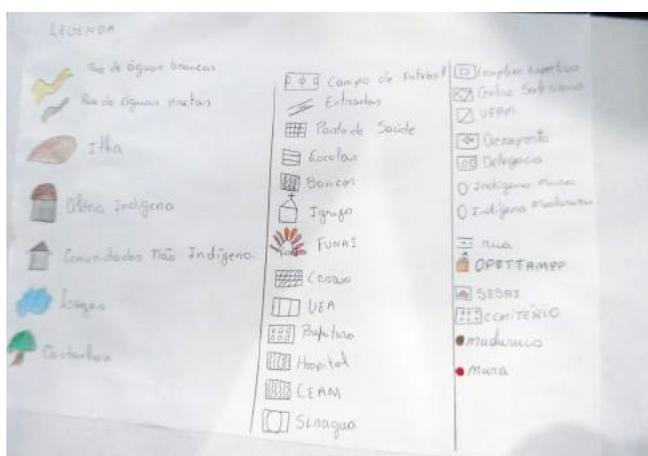
Eu acredito que teria que ver, o que vocês tão fazendo aqui é uma forma de mapear, a primeira forma é mapear realmente, quanta melhoria de qualquer instancia você precisa de uma demanda de um mapeamento de uma necessidade ali. Parte de uma necessidade, então para melhorar existe a necessidade de um dialogo, da gente ver o que que ta faltando mesmo, fortalecer o movimento entre os indígenas e também pra melhorar mais o processo dei até uma sugestão da gente fazer um centro aqui principalmente pro pessoal da zona urbana porque a gente já imaginava poxa vida os indígenas que tão la na aldeia e os que tão na cidade eles tem o mesmo direito, eles são importante. Porque todos os movimentações acontecem na cidade, pra que esses indícios pudessem ajudar a todo o movimento ne, então o que que poderia fazer, para uma das melhorias, fazer uma escola especifica além dessa escola um centro e dentro centro tivesse todos os tipos de secretaria que fosse par organizar o movimento indígena. Como por exemplo, uma assistência social, uma da educação, então todas aquelas secretarias se firmassem apenas nesse centro, onde pudesse não só ajudar na melhoria na saude, na educação, no saneamento básico, mas também, naquelas comunidades lá na aldeia, porque uma vez eles vão vindo a cidade, e com isso se ele tiverem uma assessoria melhor e o seu atendimento vai ser e provavelmente o seu modo de vida vai ser melhor e de qualidade”



Abel Mura

Reivindicações do Povo Mura Para a Cidade de Manicoré

1. EDUCAÇÃO Diferenciada na Aldeia e na Cidade
2. SAUDE de qualidade na Aldeia e na Cidade
3. SANEAMENTO nos bairros onde residem indigenas
4. POLÍTICAS PÚBLICAS para os indígenas na Cidade
5. MOVIMENTO INDÍGENA Reorganizado
6. TRABALHO E RENDA para os indígenas que moram na cidade
7. PLANOS DE VIDA -respeito a historia e a identidade do Povo Mura



Só pra complementar eu queria que nós indígenas tanto da zona rural quanto da urbana pudéssemos ter a oportunidade de nós ta sentando para conversar para discutir, para ver uma melhora, um futuro melhor, uma prosperidade melhor, para que as pessoas, os índios da cidade como da zona rural tivessem uma vida digna. Que as autoridades tivessem uma visão melhor voltada a eles, nós também somos seres humanos e somos brasileiros, eu acredito que nós não somos diferentes, em matéria somos iguais e perante a lei também”

1. Ribeirinhos em Defesa do Rio Tapajós - Comunidade Pimental - Trairão e Itaituba • PA
2. La Marina - Barrio, Identidad, Religión y Tradición • Cuba
3. Iroko, El Espíritu de lo Sagrado - Identidad de la Comunidad de La Ceiba, Balcón Arimao, La Habana • Cuba
4. Cartografia Social de Trindade - A pesca artesanal da comunidade tradicional caiçara de Trindade - Paraty • RJ
5. Comunidades Quilombolas do Jalapão - Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação • TO
6. Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco - Comunidade Quilombola Pesqueira Vazanteira de Caraíbas • MG
- 7. Entre a Aldeia e a Cidade: O Povo Mura na Construção do Movimento Indígena em Manicoré-AM.**



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



FORD FOUNDATION

